

Convidado o Sr. Deputado Luiz Claudio Marcolino para, como 1º Secretário "ad hoc", proceder à leitura da matéria do Expediente.

O SR. 1º SECRETÁRIO – LUIZ CLAUDIO MARCOLINO - PT  
- Procede à leitura da matéria do Expediente, publicada separadamente da sessão.

- \* \* \*
- Assume a Presidência e abre a sessão o Sr. Jooji Hato.
- \* \* \*
- Passa-se a PEQUENO EXPEDIENTE
- \* \* \*

O SR. PRESIDENTE – JOOJI HATO - PMDB - Srs. Deputados, Sras. Deputadas, tem a palavra a nobre Deputada Ana Perugini. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Carlão Pignatari. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Enio Tatto. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Vitor Sapienza. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Rafael Silva. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Antonio Salim Curiasi. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado André Soares. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Hamilton Pereira. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Olímpio Gomes. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Rodrigo Morais. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Simão Pedro. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Alex Manente. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Ed Thomas. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Milton Vieira. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Luiz Claudio Marcolino.

O SR. LUIZ CLAUDIO MARCOLINO - PT - Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas e funcionários desta Casa, eu tenho acompanhado o movimento de moradias em diversas regiões no Estado de São Paulo, da Zona Noroeste, não só da União, mas também da Zona Sul, da Zona Norte e da região central. Esse movimento deu início a partir do momento que houve uma política nacional, quando pela primeira vez na história o Governo Federal construiu essa política habitacional, não só para o Estado de São Paulo, mas para todo o País, partindo do Projeto Minha Casa, Minha Vida, dando início com o ex-Presidente Lula e continuando agora com a Presidente Dilma.

O resultado dessa política habitacional - que foi construída desde o governo do ex-Presidente Lula - começa a ser efetivado. No caso da cidade de São Paulo, mesmo que sua prefeitura não tenha uma preocupação habitacional, a partir de movimentos de moradias. Além do programa Minha Casa, Minha Vida, que conta com a participação de empresas e prefeituras, agora há a possibilidade do movimento de moradias criar o programa Minha Casa, Minha Vida/Entidades e com isso possibilitar a redução do déficit habitacional no Estado de São Paulo.

Queria apresentar algumas fotografias mostrando o convênio firmado entre a Caixa Econômica Federal e as lideranças de moradia.

Temos nesta fotografia os representantes da Caixa Econômica Federal, entre eles está a Verinha, uma das lideranças por moradia da Zona Oeste de São Paulo; continuando, temos outra fotografia que mostra a Caixa Econômica Federal assinando o convênio com o movimento por moradia, o pessoal da União Zona Oeste e Noroeste de São Paulo. Aqui temos os representantes, o superintendente e o gerente da agência bancária, que aprovaram o financiamento e será liberado mediante o acompanhamento das obras na região.

Seguindo a apresentação, temos a Jô e a Servi. Elas são das lideranças do Movimento de Moradia das Zonas Oeste e Noroeste; nessa outra fotografia temos a população que acompanhou o processo de assinatura. Temos outra fotografia que mostra a Caixa Econômica Federal assinando o convênio com o movimento por moradia, o pessoal da União Zona Oeste e Noroeste de São Paulo. Aqui temos os representantes, o superintendente e o gerente da agência bancária, que aprovaram o financiamento e será liberado mediante o acompanhamento das obras na região.

Na sequência, temos o Henrique Pacheco, ex-Deputado Estadual dessa Casa, ex-Vereador da Cidade de São Paulo e hoje um dos idealizadores do Movimento por Moradia nas regiões Noroeste e Oeste. Inclusive, esse terreno da Barra do Jacaré foi comprado há 20 anos e já tinha sido ocupado pelo Movimento de Moradia daquele momento. Houve sua desapropriação e agora, após 20 anos, o movimento é dono do terreno onde serão construídas 592 residências pelo projeto Minha Casa, Minha Vida, que irá garantir a redução do déficit habitacional do Estado de São Paulo.

Seguindo a apresentação das fotografias, temos aqui uma das 592 pessoas que são integrantes do movimento, e que terão direito a residência. Nesta outra fotografia temos a apresentação da concentração da população.

Apresentei essas fotografias, Sr. Presidente, para mostrar que é possível a aquisição de moradia quando há mobilização dos trabalhadores mesmo que a prefeitura da cidade de São Paulo não tenha essa preocupação, pois como sabemos não houve uma ampliação e nem o desenvolvimento do projeto, nobre Deputado Major Olímpio, com a argumentação de que não existem terrenos possíveis de serem comprados e que por isso a Prefeitura de São Paulo não fez parceria com o Governo Federal e não fez a "Minha Casa Minha Vida". Estamos mostrando que o movimento de moradia da Zona Oeste de São Paulo constitui a demanda, comprou terreno e agora vai esperar a liberação do projeto - já foi comprada a área pela Caixa Econômica Federal. Estamos aguardando agora a aprovação do projeto pela Prefeitura da Cidade de São Paulo para que as casas possam efetivamente ser entregues à população, mostrando que quando há organização a demanda é constituída. As pessoas já tomaram posse dessa área e num espaço curto de tempo 592 famílias estarão morando em São Paulo, diminuindo o déficit habitacional e mostrando que a Prefeitura de São Paulo, hoje, não consegue constituir uma política habitacional, mas o movimento de moradia tem conseguido dar conta da demanda na Zona Oeste de São Paulo.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE - JOOJI HATO - PMDB - Tem a palavra o nobre Deputado Dilmio dos Santos. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado José Bittencourt. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Edson Ferrarini. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Carlos Giannazi.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - SEM REVISÃO DO ORADOR - Sr. Presidente, nobre Deputado Jooji Hato, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, telespectadores da TV Alesp, hoje, ao ouvir os nossos antecessores, Deputados que assomaram esta tribuna, percebemos a preocupação em relação à moradia, à segurança e darmos qualidade de vida para a população, que é inerente a qualquer homem público, a qualquer deputado. E fico pensando no quanto poderíamos ajudar a população a ter qualidade de vida.

Infelizmente, temos uma violência radical que consome recursos fundamentais do SUS. Pacientes vítimas da violência e que ocupam leitos hospitalares, lotam os prontos-socorros, os hospitais e ocupam leitos vitais e caríssimos de UTIs, de emergência e cirúrgicos. E as outras pessoas ficam sem um atendimento médico-hospitalar decente.

Tivemos uma matança em Várzea Paulista. Percebemos que a violência está se tornando incontrolável e não temos uma política de Segurança condizente com o Brasil, que é um país pacífico. Temos aqui todas as condições para produzirmos produtos agroindustriais e exportarmos para o mundo inteiro, inclusive aos países mais necessitados em que muitos passam fome. Mas, infelizmente, o que temos é uma guerra entre as polícias e os marginais. E nós, cidadãos de bem, ficamos no meio desse tiroteio. O Governador declarou que, talvez, se esses marginais não tivessem reagido, eles estivessem vivos. Quando somos assaltados, a polícia nos orienta a não reagirmos e entregar tudo aos marginais. A Rota acabou matando nove indivíduos, ferindo quatro e prendendo oito.

Para que tudo isso? O crime não compensa e os marginais não entendem isso. Eles pensam que caminhar na marginalidade é um caminho bom e deixam os familiares chorando. Todo pai ou mãe ama o filho e chora por ele.

Tudo poderia ter sido evitado. Não haveria necessidade de matar se tivéssemos feito a prevenção, desarmando os marginais. As polícias têm dificuldade em tirar a arma engatilhada, que está na mão do bandido; pode ter acontecido isso em Várzea Paulista. A Rota foi lá, houve tiroteio e acabou matando e ferindo marginais.

Sempre digo que temos de controlar esses dois pilares que sustentam a violência: o álcool e as drogas; as armas ilegais, contrabandeadas e roubadas. É mais fácil as polícias retirarem as armas quando elas estão no porta-malas do carro, ou mesmo no coldre, do que na mão dos marginais. Muitos policiais morrem por isso. É preciso colocar detector de metais para retirar essas armas ilegais, fazer blitz em pontos estratégicos, porque o cidadão de bem já está desarmado.

Eu já fui assaltado e sei que eles não têm dó. Eles nos espancam, nos humilham e até matam porque sabem que estamos desarmados. Se estivéssemos armados, eles não abusariam tanto, mas também não podemos voltar ao velho faroeste: um atirando no outro e sobrevive quem for mais rápido.

Este País tem saída, sim. Os governantes têm de desarmar os marginais o mais rápido possível, e colocar detectores de metais e câmeras em todos os pontos estratégicos. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE - LUIZ CLAUDIO MARCOLINO - PT - Tem a palavra o nobre Deputado Luciano Batista. (Pausa.) Tem a palavra a nobre Deputada Analice Fernandes. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Adilson Rossi. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Milton Leite Filho. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Carlos Cesar. (Pausa.) Tem a palavra a nobre

plano de carreira, onde os professores são bem remunerados; é uma escola que não tem superlotação de salas; que tem um projeto pedagógico definido - é um dado importante - e recebe investimento.

Estou apresentando essa escola como um exemplo de escola pública de qualidade, porque não existe fórmula mágica para melhorar a Educação brasileira, principalmente a Educação pública. Temos só que fazer a lição de casa, investindo recursos na escola pública, tendo um plano de carreira, mantendo o professor preferencialmente na mesma escola. Para isso o professor tem que ter um bom salário, um salário que lhe assegure as condições básicas de sobrevivência - não só para o professor, mas para toda a sua família -, para que ele não tenha que se deslocar para outra escola, para que ele não tenha que acumular cargo, porque o professor acumula cargo, hoje, por pura necessidade. O professor é obrigado a trabalhar em duas, três, até quatro escolas no mesmo dia. Ele tem um cargo na Prefeitura, outro no Estado, um na rede particular. É a forma que ele tem para a sobrevivência, mas o professor não faz isso por opção, mas por pura necessidade.

A partir do momento em que o Poder Público oferece um salário digno como o que é oferecido para o professor da Escola de Aplicação da USP, que tem um salário de quatro mil reais, por uma jornada básica, Sr. Presidente, a situação muda completamente. Por isso, a Escola de Aplicação da USP, repito, é uma escola pública, tem condições de oferecer qualidade de ensino. É justamente isso que perseguimos para todas as escolas públicas de São Paulo, principalmente as escolas da rede estadual de ensino que vivem uma situação totalmente oposta à Escola de Aplicação da USP.

As escolas públicas são sucateadas, degradadas; os professores da rede estadual não têm um plano de carreira. Não temos nem um plano estadual de educação neste Estado! Temos uma escola que vive o drama da superlotação de salas, da falta de professores, pois o Estado criou a famigerada Lei nº 1093/09, a famosa quarentena, a divisão dos professores em várias categorias como a L e, sobretudo a O, que é uma categoria que não tem direitos básicos elementares trabalhistas. E quando vence o contrato de um professor categoria O, os alunos ficam sem aula e o professor fica afastado por 40 dias da rede estadual.

É por tudo isso que reafirmamos aqui a necessidade de mais investimentos e recursos públicos para a Educação estadual. Porque a escola pública pode dar certo, como já deu. E, sobretudo diante das experiências bem sucedidas como é o caso da Escola de Aplicação da USP, que investe corretamente os recursos, tem jornada adequada de trabalho, plano de carreira e um salário adequado. É simples! Não tem segredo! Não tem fórmula mágica! É só fazer, Sr. Presidente e nobres Deputados, a lição de casa.

É por isso que vamos continuar insistindo e pressionando o Governo Estadual para aumentar o investimento na Educação Estadual, a formular junto com os professores e as entidades representativas do Magistério um plano de carreira, um plano de cargos e salários que atenda de fato as necessidades dos profissionais da Educação.

Só vamos resolver esse grave problema da Educação do Estado de São Paulo, que teve uma das piores avaliações não só na avaliação do MEC, da Prova Brasil e do Ideb, mas também na própria avaliação estadual que é promovida pela Secretaria Estadual de Educação, o Saresp. Essa avaliação, do próprio Governo, mostra o declínio e a falência da Educação estadual. Uma Educação que não recebe o investimento adequado, paga muito mal os professores e que, inclusive, criminaliza os professores jogando a culpa do fracasso escolar nas costas do Magistério. É justamente o contrário, Sr. Presidente, o Magistério também é vítima dessa nefasta política educacional.

Muito obrigado.

\* \* \*

- Assume a Presidência o Sr. Luiz Claudio Marcolino.

\* \* \*

O SR. PRESIDENTE - LUIZ CLAUDIO MARCOLINO - PT - Srs. Deputados e Sras. Deputadas, tem a palavra o nobre Deputado Jooji Hato.

O SR. JOOJI HATO - PMDB - SEM REVISÃO DO ORADOR

- Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, funcionários da rede estadual, telespectadores da TV Alesp, hoje, ao ouvir os nossos antecessores, Deputados que assomaram esta tribuna, percebemos a preocupação em relação à moradia, à segurança e darmos qualidade de vida para a população, que é inerente a qualquer homem público, a qualquer deputado. E fico pensando no quanto poderíamos ajudar a população a ter qualidade de vida.

Infelizmente, temos uma violência radical que consome recursos fundamentais do SUS. Pacientes vítimas da violência e que ocupam leitos hospitalares, lotam os prontos-socorros, os hospitais e ocupam leitos vitais e caríssimos de UTIs, de emergência e cirúrgicos. E as outras pessoas ficam sem um atendimento médico-hospitalar decente.

Tivemos uma matança em Várzea Paulista. Percebemos que a violência está se tornando incontrolável e não temos uma política de Segurança condizente com o Brasil, que é um país pacífico. Temos aqui todas as condições para produzirmos produtos agroindustriais e exportarmos para o mundo inteiro, inclusive aos países mais necessitados em que muitos passam fome. Mas, infelizmente, o que temos é uma guerra entre as polícias e os marginais. E nós, cidadãos de bem, ficamos no meio desse tiroteio. O Governador declarou que, talvez, se esses marginais não tivessem reagido, eles estivessem vivos. Quando somos assaltados, a polícia nos orienta a não reagirmos e entregar tudo aos marginais. A Rota acabou matando nove indivíduos, ferindo quatro e prendendo oito.

Para que tudo isso? O crime não compensa e os marginais não entendem isso. Eles pensam que caminhar na marginalidade é um caminho bom e deixam os familiares chorando. Todo pai ou mãe ama o filho e chora por ele.

Tudo poderia ter sido evitado. Não haveria necessidade de matar se tivéssemos feito a prevenção, desarmando os marginais. As polícias têm dificuldade em tirar a arma engatilhada, que está na mão do bandido; pode ter acontecido isso em Várzea Paulista. A Rota foi lá, houve tiroteio e acabou matando e ferindo marginais.

Sempre digo que temos de controlar esses dois pilares que sustentam a violência: o álcool e as drogas; as armas ilegais, contrabandeadas e roubadas. É mais fácil as polícias retirarem as armas quando elas estão no porta-malas do carro, ou mesmo no coldre, do que na mão dos marginais. Muitos policiais morrem por isso. É preciso colocar detector de metais para retirar essas armas ilegais, fazer blitz em pontos estratégicos, porque o cidadão de bem já está desarmado.

Eu já fui assaltado e sei que eles não têm dó. Eles nos espancam, nos humilham e até matam porque sabem que estamos desarmados. Se estivéssemos armados, eles não abusariam tanto, mas também não podemos voltar ao velho faroeste: um atirando no outro e sobrevive quem for mais rápido.

Este País tem saída, sim. Os governantes têm de desarmar os marginais o mais rápido possível, e colocar detectores de metais e câmeras em todos os pontos estratégicos. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE - LUIZ CLAUDIO MARCOLINO - PT - Tem a palavra a nobre Deputada Analice Fernandes. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Adilson Rossi. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Milton Leite Filho. (Pausa.) Tem a palavra o nobre

Deputada Célia Leão. (Pausa.) Tem a palavra o nobre Deputado Adriano Diogo. (Pausa.)

Esgotada a lista de oradores inscritos no Pequeno Expediente, vamos passar à Lista Suplementar.

Tem a palavra o nobre Deputado Olímpio Gomes.

O SR. OLÍMPIO GOMES - PDT - Sr. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, funcionários da Casa, cidadãos de todo o Estado de São Paulo que nos acompanham pela TV Alesp, lamentavelmente anuncio mais uma morte de um policial militar. O policial militar Marco Aurélio de Santi, do Batalhão de São Carlos, foi executado hoje, às nove horas da manhã, na Vila José, em São Carlos.

Ele estava com os vidros do seu carro Savero fechados, quando dois marginais se aproximaram e passaram a disparar contra o Marco Santi. Foram seis disparos, cinco atingiram o seu corpo. Ele ainda desembocou do veículo, sentou-se numa mureta. Foi socorrido por populares e pela Polícia Militar, mas, infelizmente, não resistiu aos ferimentos e faleceu.

Septuagésimo oitavo PM executado no Estado de São Paulo este ano. A guerra está aberta e declarada. Ninguém foi assaltado o Marco Santi. Chegaram como se diz no jargão policial: "chegaram chegando", disparando e matando mais um escudo da sociedade.

Não adianta tapar o sol com a peneira e dizer que isso não é orquestrado, não é pré-ordenado. Claro que é. Claro que é vingança contra os escudos da sociedade. Mas os marginais estão equivocados. Continuaremos tombando, mas não vamos recuar um milímetro.

Ontem, eu estive na Associação dos Oficiais da Reserva da Polícia Militar para pedir aos nossos veteranos, aos nossos velhinhos para retomarem suas armas mesmo que estesjam aposentados formalmente e tenham aposentado suas armas. Se eu andava com a minha pistola com dois carregadores, hoje estou andando com três, munição silvertip, ponta oca, pronto para o que der e vier.

Quero alertar os meus companheiros inativos que estejam prontos para o que der e vier porque está vindo. Não podemos simplesmente virar um dado estatístico porque muitas vezes fica parecendo: "Ah, mas a polícia está de folga".

Algum foi atacar o Marcos Santi, às nove horas da manhã, na Vila José, para roubar-ló? Não levaram nada. Quando abordado, ele teria reagido? Não. Os vidros do carro estavam fechados. Foi para executar o policial militar.

Então, você, meu amigo policial militar ou policial civil da ativa, aposentado, redobre realmente a cautela porque se os marginais acham que um dos nossos está no serviço ativo, vai para o arrejo, como diz o carioca, está enganado. Não tem arrejo não! Não tem proporcionalidade entre policial morto e bandido morto. Nós não incentivamos o descumprimento da lei. Mas não incentivamos a população a ter uma vida das coisas.

Quero falar com os meus irmãos policiais do Interior do Estado de São Paulo.

Antigamente existia uma máxima que dizia: "Lá na terra, no interior, é muito mais tranquilo. Ninguém vai atacar policiais."

Vejam os últimos casos. Policiais sendo atacados justamente nas cidades do interior. Não interessa o nome da facção. Não vou aqui "dar um boi" ou "levantar a bola" de vagabundo. Mas pode ser PCC, CRB, Seita Satânica, Terceiro Comando, pode ser o diabo, vamos buscar um a um. Aqueles que se entregarem, voltarão para a cadeia, de onde não deveriam ter saído; aqueles que resistirem vão para o inferno. Isso não é porque o Governador falou ou porque esse ou aquele falou. Nada disso